

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

A HISTÓRIA E O CURRÍCULO ESCOLAR.

GERALDINA PÔRTO WITTER

e
JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

da Universidade de São Paulo.

Nosso ambiente escolar, como o de outros países, vem se caracterizando por constantes reformas curriculares, as quais nem sempre têm ocorrido devido às novas descobertas psicológicas mas sim, como resultados de fôrças diversas.

Shaw (1966) considera que estas fôrças têm origem:

- a). — sociais, econômicas e demográficas;
- b). — tecnológicas;
- c). — políticas;
- d). — teóricas (curriculares);
- e). — de conhecimentos.

O fato é que por efeito isolado ou conjunto destas fôrças, já não é possível ignorar que em nossa época a tecnologia e as ciências que mais diretamente nela influem são supervalorizadas. Paralelamente à valorização destas áreas do conhecimento humano tem havido uma ênfase crescente na especialização. Isto trouxe como consequência a eliminação pura e simples ou a redução em quantidade de certo tipo de informação em cursos, às vêzes, até mesmo no nível médio de formação, sem que se tenha comprovado, de forma cientificamente válida, que este tipo de informação não contribui, é supérfluo, ou simplesmente irrelevante para o especialista ou para o técnico. Isto sem falar na importância para formação do aluno ou mesmo do cidadão.

Entre as disciplinas que, de certa forma, têm sido sacrificadas, quer em nome da especialização, quer em nome da tecnologia, quer

ainda em termos da super-valorização de outras ciências, esta é a História. Entretanto, no estudo experimental conduzido no Marlborough College e no relato de Pynn (1963) a respeito de sua experiência de sete anos, como membro de bancas examinadoras de candidatos que completavam o curso de graduação, na referida escola, encontramos provas de que esta redução não tem uma fundamentação científica e de que ela é discutível.

No estudo de Marlborough, teve-se por objetivo ampliar a educação de futuros professores de ciência e matemática bem como a de cientistas em geral. A um grupo destes futuros professores e cientistas foi ministrado, em 1956 e nos anos seguintes, um curso obrigatório denominado "História para cientistas", que fazia parte de um programa mais amplo subordinado ao tema "História Moderna e Pensamento Contemporâneo". Esperava-se que um curso deste tipo desse mais maturidade aos alunos. Paralelamente, um outro grupo recebia os mesmos ensinamentos que o primeiro grupo de alunos exceto quanto ao curso de História. No final do ano letivo os alunos eram submetidos a um exame. Este exame compreendia uma prova específica sobre a matéria e uma prova geral. A prova geral compreendia duas partes: a primeira tinha por finalidade avaliar se o candidato compreendia ciência, a história dela e o significado sócio-econômico e político de seus estudos em matemática e ciências; a segunda tinha por objetivo verificar o conhecimento dos estudantes relativos às idéias e movimentos da vida contemporânea.

Durante os vários anos em que a experiência foi realizada, constatou-se um excelente aproveitamento do curso acompanhado de uma concomitante ampliação nos interesses dos alunos. Nos anos subsequentes verificou-se que os ex-alunos de História tinham, em relação à ciência, perspectivas mais amplas do que a maioria de seus colegas que não assistira ao referido curso.

Como parte da exigência de término do curso de graduação, os alunos deveriam escrever um ensaio nas matérias em que estavam se especializando. Novamente os estudantes que assistiram ao curso de História conseguiram apresentar trabalho de melhor nível, ir além dos limites escolares e segundo Pynn (1963) conseguiram ignorar a divisão artificial entre as ciências e as artes.

Não resta dúvida que os futuros professores de ciências e cientistas que por gerações sucessivas passaram pelo Marlborough College muito ganharam com o curso de História. Dados deste tipo, às vezes,

parecem ser ignorados em reformulações curriculares feitas sem estudos experimentais prévios, cuidadosos e de acôrdo com os ditames do que já sabemos sôbre a aprendizagem e a tecnologia de ensino.

E' evidente que seria de grande interêsse para a educação em geral, e para a formação de cientistas e técnicos, que experiências como a que acaba de ser resumidamente apresentada fôssem feitas em nosos meio antes de se tomar decisões sôbre organizações curriculares. Mais ainda, parece que uma tentativa de introdução de cursos básicos de História, como matéria a ser estudada por futuros professores das mais diversas especialidades, bem como por futuros cientistas poderia ser de grande valor para a elevação do nível educacional em geral (*).

(*) — *Referências bibliográficas:*

Pynn (Dora). — "History for scientists. Marlborough Experiments".
Times Educational Supplement, 1963, july, fiiday.

Shaw (Frederick). — "The Changing Curriculum". *Review of Educational Research*, 1966, 36 (3), 343-352.